





Perguntas Ordinárias em Percursos Existenciais

"Você e o passageiro ao lado tem o mesmo destino?"

"Você e o passageiro ao lado percorrem a mesma linha?"

"De onde você vem? Do mesmo ponto que o passageiro ao lado?"

Nos escapam respostas às interrogações contidas nos adesivos que Enrico Rocha fixa nos ônibus que circulam pela cidade. Afinal, como responder a este desamparo que experimentamos ao transitar por um mundo que perde seus fundamentos? Um mundo no qual o tempo não mais se desfia em uma linha reta, costurando os acidentes da vida em nexos causais. Que reconhece a origem - como predição absoluta dos significados e dos destinos - uma quimera. Que sente movediço e esquivo, o solo estável de onde o sujeito se reconheceria em si mesmo. Que percebe a promessa de um sujeito coletivo, no fim do percurso, um logro. Pois é a própria Humanidade como destino comum se construindo como finalidade histórica que se extravia. Como então solicitar um "nós passageiro"? Há, decerto, uma ironia ao se enfrentar a exigência de um comum que perde modelos e substratos em um transporte "coletivo"!

E se considerássemos que tais interrogações se limitam aos destinos diários? Ao ordinário das horas e dos trajetos que se repetem? Ao tempo seriado do cotidiano, que termina hoje para recomeçar quase idêntico amanhã? Um tempo constituído, não de unidades, mas de fragmentos e séries. Talvez algumas respostas fluíssem descuidadas, proferidas pelo cansaço dos dias, na apatia das rotinas.

Aos passageiros distraídos, a quem tais demandas se dirigem, um diagrama de pequenos pontos acompanha a frase. Estão ali, à espera que se formem as linhas e estabeleçam as conexões e desvios que desejarem. Que escapem dos presságios e das linhas condicionadas como lhes aprouverem. Mas ocorre que os contatos e as trocas que determinariam as relações nos espaços públicos parecem suspensos naquela distração radical: nos "coletivos" é a condição de transitoriedade e impessoalidade que melhor os define. Ali se cruzam, para se ignorarem, infinitos deslocamentos singulares. Ou antes: as singularidades submergem nos roteiros automáticos, no anonimato apressado e desatento dos dias que se repetem. As rotinas nos protegem e nos condenam nas errâncias existenciais. Como ser ainda capaz de fruir os ritmos diferenciados que o acaso produz nas cidades, como o motor que dá sabor aos dias e se imiscui aos fluxos de tempos pessoais e coletivos?

Ora, os passageiros nos voltam as costas. Olham a paisagem que se descortina pela janela, por essa estranha abertura ao mundo, tão constante das representações pictóricas. Por vezes, supomos vislumbrar o que eles parecem contemplar: o mar, a linha férrea, o prédio de uma maternidade, uma praça, um cemitério.

Recordam-nos, ainda, o Ateliê do artista de Vermeer, em que o pintor coloca-se de costas, recusa-nos a face enquanto retrata uma modelo que encena Clio, a musa da História. Mas não há, ali, uma janela visível: ao fundo, um grande mapa da Nova Holanda cobre a parede. O exterior que se mostra é a representação geográfica de seu espaço. Em um jogo de esquivas e substituições, o que se exhibe, se exhibe como uma duplicação, uma representação desdobrada sobre si mesma: o tempo como alegoria, o espaço como mapa, enquanto o pintor renuncia a revelar-se.

Sobre essa esquiva, dirá Clément Rosset: "Vermeer pinta a sua ausência". "Renunciar a pintar-se de frente equivale a renunciar a se ver, quer dizer, renunciar à idéia que o eu possa ser percebido numa réplica que permite ao sujeito apreender-se a si mesmo"¹. Um eu que se mostra como um acontecimento qualquer entre outros, "mudo e insignificante"².

Mas como perceber os passageiros de Enrico Rocha nestas fotografias? Porque, afinal, são fotografias que o artista expõe, ainda que o hábito nos condicione a associar a esta ou àquela pintura da história da arte. E ao trauma de um mundo que perde seus nexos, que enfrenta a crise mais radical do sentido e da causalidade no colapso da linearidade significativa da história, se adere este trauma que é a fotografia desde seu aparecimento.

Escrita da luz, onipresente no ambiente contemporâneo, as fotografias não perderam seu poder de interrogação. Sua invenção alterou profundamente nossa sensibilidade e não cessa de perturbar o que concebíamos como realidade: violentou a totalidade da percepção na fragmentação do ponto de vista e na reproduzibilidade de suas cópias, revolucionou a circulação da informação, transtornou as categorias de espaço, tempo e causalidade, implicando em um tipo de consciência paradoxal e específica, quiçá um inconsciente específico como quis Walter Benjamin.

Impressão à distância, traço físico-químico de um corpo que atinge a superfície sensível, a fotografia é um signo indicial, segundo Charles Peirce, como a pegada é indício do pé e a fumaça do fogo. Conectada fisicamente ao

referente, a fotografia não cria elos representativos como ambicionou um dia a pintura, mas laços de contigüidade causal e existencial. Imagem-traço de algo que faz superfície, índice, mas também ícone e símbolo, a fotografia não resolve o paradoxo que experimentamos diante dela: exige uma apreensão fenomenológica e existencial enquanto escapa à plenitude do campo perceptivo; solicita uma abordagem semiótica enquanto excede à compreensão semântica.

Imagem-traço, fragmento errático e seriado, a fotografia é vaga, suspeita, irresoluta. Não é o efeito de uma presença, não é signo de sua ausência, não promete um sujeito idêntico a si mesmo: é rastro de uma existência qualquer, muda e insignificante. Uma intermitência ambigua: é o "não mais" como vestígio material deste mundo "aqui" em que vagamos com nossas angústias e alegrias; é o "ainda não" de um acontecimento que, privado de duração, não se efetua; é o "agora -alhores", distante e inalcançável, como ponto de fuga fantasmático em que a conclusão do acontecimento paralisado teria ou está tendo lugar.

O espaço-tempo paradoxal que a fotografia produz é a "conjunção ilógica do aqui-antes" como a denominou Barthes. "Mensagem sem código"³, sempre defasada em relação ao olhar e à palavra, a fotografia intercepta o percurso ordinário entre o visual e narrativo.

Como todo instantâneo, as fotografias de Enrico interferem sem permissão no curso das coisas, extrai da vida seu fluxo temporal, suspende o acontecimento no ato, produz uma paralisia súbita frente ao "cedo demais" de algo que talvez aconteça lá e o "tarde demais" de algo que já se passou. Frente à suposta emergência de um evento e sua morte implícita no "isto foi"⁴ aqui.

O aqui pontual fotográfico suspende a consciência, produz momentaneamente uma afasia em sua incapacidade de realizar ou engendrar qualquer associação entre o visual e a palavra. A fala fica sustada na compressão de um ponto. O fragmento fotográfico alude, mas não apresenta ou informa nada sobre a extensão ilimitada ou a duração de um acontecimento que o ultrapassa. Salvo, talvez, com o auxílio da legenda.

Como ligar os pontos contidos no diagrama que o artista coloca sob as indagações que faz? A legenda, palavra periférica e "parasita"⁵ que teria por função salvar-nos daquela afasia, o artista substitui pelas interrogações escritas nos adesivos, transformadas em imagens-traço. É possível fazer falar a imagem fotográfica além da legenda?

Enrico Rocha constrói um jogo complexo e circular de referências e operações perceptivas e metalingüísticas: confunde-as entre permutas e cruzamentos infinitos. À contigüidade existencial e causal do índice fotográfico se tramam as interrogações existenciais e ordinárias. À indexação presença/ausência de um sujeito se enunciando como idêntico, se substitui a imagem-traço, rastro sem face ou voz. Às relações paradoxais entre tempo/espaço impostas pela fotografia, se entrelaçam as incógnitas do tempo da vida pessoal, do tempo do percurso cotidiano, do tempo dos desejos adormecidos, das narrativas pessoais e coletivas, prometidas ou frustradas. Ao tempo repetido e mecânico das rotinas, se embaraça a série e o fragmento descontínuo da fotografia. À sua qualidade errática e imprecisa, confunde-se a condição errática, indecisa e sobressaltada da existência contemporânea, vagando em um coletivo qualquer por uma cidade qualquer.

Nestes tempos ordinários, sem as origens e os destinos que prometiam a excepcionalidade substancial da condição humana, resta-nos apenas a passagem. À afasia do trauma produzido pela fotografia, confunde-se a perplexidade asfíxiante destas vidas triviais nestes tempos sem respostas.

Marisa Flório Cesar
Novembro de 2006

Notas:

1. ROSSET, Clément. O real e seu duplo. Tradução de José Thomaz Brum. Porto Alegre: L&PM, 1988. p. 77.
2. Idem ibidem.
3. BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: O óbvio e o obtuso. Tradução de Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 13.
4. Idem ibidem.
5. Idem ibidem.

Concepção e realização do projeto:
Enrico Rocha

Realização da exposição:
Centro Cultural Banco do Nordeste

Produção da exposição:
Enrico Rocha, Waléria Américo e Jacqueline Medeiros

Agradecimentos à:
Gabriela Valente, Marisa Flório, Waléria Américo, Jacqueline Medeiros, Liduína Lins, Sílvia Bessa, Vítor César, Mariana Smith, Érica Zingano, Aléssandra Marques e Glauco Leandro.

Ao querido amigo Ricardo Valente.

